

# **OUVE-SE PELA METADE, FALA-SE PELA METADE, E SE MORRE POR INTEIRO: A ESCUTA CLÍNICA DE JOVENS DE PERIFERIA**

Aurino Lima Ferreira<sup>1</sup>  
Tâmara Cristine Gomes Bezerra<sup>2</sup>  
Paula Roberta Vieira Eskinazi<sup>3</sup>

## **1. Introdução**

Um dos desafios da psicologia no século XXI diz respeito à questão da multi-ethnicidade, da convivência plural e democrática e da unidade na diversidade. Desafio que extrapola a psicologia em sentido estrito, envolvendo a sociedade e requerendo reflexões mais amplas no que diz respeito às metas da formação humana. Hoje, as relações de sociabilidade são de desconfiança, violência e agressão e os cidadãos emergem como “inimigos potenciais” que disputam conosco um lugar no Mercado de Trabalho e na divisão de bens e serviços. Ao lado de tantos desafios que a psicologia deve se defrontar – as múltiplas exclusões, a criminalização da pobreza, a mortalidade juvenil, o caos social, etc. - a questão do lugar da escuta dos jovens, ao lado da violência, sem dúvida, constitui um ponto focal da agenda da psicologia social comunitária no século XXI.

Desvelando os sentidos da palavra escuta, buscamos nos dicionários definições e chegamos a diversas concepções, mas aquela que mais se repete, é a que toma a escuta como ação de escutar, enquanto o verbo escutar é posto como ouvir com atenção. Neste sentido, tomamos a escuta como uma “ação” realizada com “atenção” e capaz de promover deslocamentos e novas formas de subjetivação.

Esta escuta retoma as contribuições da fenomenologia de Martin Buber e Martin Heidegger, sendo compreendida como um dispositivo de aproximação na relação com o outro, que se faz nas diferenças, e para escutá-lo faz-se necessário abrir-se para novas possibilidades de subjetivação, questionando as normatizações e livrando-se das amarras dos mandatos sociais para que da verdade do ser-no-mundo nasça à resistência e a transformação.

Neste texto, buscamos acompanhar os sentidos da escuta nas atividades terapêuticas de uma organização da sociedade civil desenvolvida em uma das comunidades mais excluídas do Recife, PE. Esta escuta, inicialmente, conduziu a uma experiência desalojadora, um sentir-se em um não-lugar, uma sensação de não pertencer, como estar em uma cultura e um país diferente, levando a não-escuta. No decorrer da experiência surge como defesa à escuta patologizante, apresentando um caráter investigativo/classificador que através da queixa do sujeito interpretava e definia a patologia no qual o enquadrava.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais da UFPE; Grupo de Pesquisa Educação e Espiritualidade da UFPE. E-mail: aurinolima@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda de Psicologia da Mauricio de Nassau. Estagiária da Associação Civil – NEIMFA . E-mail: tamaracrys@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda de Psicologia da Faculdade Integrada do Recife - FIR. Estagiária da Associação Civil – NEIMFA, Cuidadora de Residência Terapêutica (SUS). E-mail: paula.vieira8@hotmail.com

Por fim, da crise da escuta emerge a escuta como testemunha e presença do ser, capaz de problematizar as representações que circulam no imaginário social sobre as comunidades de periferia. Ela apresenta-se como caminho de intervenção crítica, pois abre novos sentidos na relação dos jovens, da comunidade e do espaço social mais amplo no qual eles estão inseridos, de maneira que a escuta pode tornar-se um dispositivo de inserção que busca o princípio básico da Comunidade que é a vida vivida.

### **1.1 Contextualizando a pesquisa e o seu campo**

O Coque é uma comunidade localizada num *ponto cego*<sup>4</sup> da cidade de Recife, PE, a passagem pelo viaduto, que corta o centro em direção ao *iluminado* bairro de Boa Viagem, permite a percepção de um ponto escuro às *margens* do viaduto. Não se caracteriza apenas como ponto cego no que se refere ao *não ser visto*<sup>5</sup>, ele é também um ponto inalcançável de ações sociais. Assim, os moradores compartilham um sentimento de falta de pertencimento, de maneira que fazer parte do Coque é não está incluído como pessoa/cidadão na polis recifense.

Estes sentimentos nos guiaram a levantar e compreender os sentidos, possibilidades e desafios da escuta clínica de jovens moradores de periferia. Instigando-nos a problematizar uma experiência de escuta em atividades terapêuticas na instituição da sociedade civil, Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), fundado por moradores e jovens universitários e que desenvolve atividades há aproximadamente 23 anos na comunidade do Coque. Nesta instituição encontramos diversas atividades que visam à vivência da solidariedade e pertencimento, denominadas “Cuidar do Ser”.

O grupo observado fazia parte de um dos dez grupos de “cuidar do ser” realizado, uma vez por semana, pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cultura de Paz da organização. Neste grupo participavam 13 (treze) jovens, sendo nove mulheres e quatro homens com idades entre 17 e 25 anos e que se reuniam há aproximadamente dez anos para problematizar suas existências.

O estudo teve um caráter de pesquisa participante, sendo os dados frutos da experiência vivida no decorrer de dois anos (2007/2008) de relação e participação com a comunidade.

### **1.2 Uma jovem estagiária e sua experiência desalojadora na Comunidade do Coque**

O primeiro contato<sup>6</sup> com a comunidade do Coque aconteceu há dois anos, quando ainda estava começando a cursar a faculdade de psicologia, surpreendi-me e me angustiei com a existência de tamanha pobreza, um triste cenário do qual eu nunca havia feito parte:

---

<sup>4</sup> Ponto cego: expressão usada por Alexandre Freitas para indicar um lugar não alcançado.

<sup>5</sup> Não- ser-visto: Considerados não seres, não humanos e não olhados pela sociedade, uma exclusão simbólica.

<sup>6</sup> Nesta seção utilizamos a primeira pessoa como forma de marcar as experiências da estagiária no seu contato com a comunidade

esgotos a céu aberto, casebres, crianças brincando no meio daquele esgoto. O sentimento que persistia era o de voltar para casa sem ao menos terminar o percurso.

Milhares de recomendações antecederam minha entrada na comunidade, tais como: “cuidado não leve bolsa, celular, dinheiro e essas roupas que você usa, na comunidade nem pensar! Andar o mais simples possível!”. Para achar que fazia parte integrante da comunidade, a solução foi deixar de lado minha forma de ser, em ressonância com a fantasia, de que se me vestisse de forma simples, “como pobre” seria alguém invisível naquele novo ambiente.

Escutei fantasias, mitos e poucas verdades que cercavam a Comunidade do Coque: a “*morada da morte*” (Diário de Pernambuco, 12/01/1997). Li notícias de jornais e vivi a preocupação familiar crescente. Fechei meus ouvidos e fui à busca do desejo de não ter medo, mesmo que ainda assustada com a violência que permeia a aura da comunidade.

Por vários momentos aproximei-me do pensamento de *morte* e *finitude*, sentimentos que para Heidegger pertencem a natureza do ser e novamente quis voltar atrás. O conflito entre o impulso de recuar e o desejo de seguir ocupava minha mente e corpo, contudo a curiosidade para seguir me impulsionava.

No começo não conseguia escutar nada, aquelas “verdades” fantasias e mitos pareciam demais, estava cheia de preconceitos, não conseguia escutar a não ser as falas normalizadoras, por isso passei um ano como “observadora” distante de um grupo com crianças. Em minha fantasia elas seriam menos ameaçadoras. Em fim, todo conteúdo *não escutado* permaneceu preso nos filtros do *pré-conceito* (conceitos pré-estabelecidos), a falta de identificação e de pertencimento me levavam a uma busca constante de intelectualização dos fatos. Tive medo de ser vista e parecia confortável manter-me na posição de observadora, acreditei em minha invisibilidade e com o decorrer do tempo comecei a construir uma relação com a comunidade.

### 1.2.1 A não-escuta

O impacto inicial da experiência vivida pela estagiária fez com que nomeássemos o nível de escuta inicial na comunidade como superficial, pois não ultrapassava os filtros do *pré-conceito*. Sendo as questões da comunidade geralmente associadas aos estereótipos das dificuldades financeiras, violência, fome e a exclusão social. Questões estas de uma dimensão bem mais ampla do que a breve experiência poderia contemplar.

O silêncio vazio de sentido então se fez *presente* diante das experiências que desalojam o saber e poder dominantes. E a fala do adolescente Pedro, destacada por Ferreira (2007, p.1), remete-nos a novos questionamentos, bastando substituir professor por psicólogo e escola por comunidade:

Os professores da escola chega com este olhar, ora querem salvar, somos os pobrezinhos, as vítimas, ora enxerga agente como marginais, não importam como trate, falta o olhar de interesse, falta ver que SOMOS HUMANOS.

Os ditos sobre a violência na comunidade geravam medo de *entrar*. As “verdades” sobre a violência conduzia ao questionamento: e por que *entrar*? Se *entrar* remete a estar fora e a comunidade estar dentro de um sistema, que Guatarri (1986) define como *cultura dominante*, os incluídos na comunidade estão excluídos de um sistema dominante, supostamente organizado e os que estão fora desse sistema estão a margem.

Pertencendo a um ponto cego que preserva as *ameaças a ordem* em seus devidos lugares e longe dos olhos dos cidadãos no percurso histórico, observamos que a dinâmica não diverge da vivida no século XV, no qual os loucos eram mantidos em pontos cegos, era a famosa *Stultifera navis*, nau dos Loucos, estranho barco que desliza ao longo dos calmos rios da Renânia e dos canais flamengo, descrita por Foucault (1987, p.13) no trecho a seguir:

Mas de todas essas naves romanescas ou satíricas, a Narrenschiff é a única que teve existência real, pois eles existiram, esses barcos que levavam sua carga insana de uma cidade para outra... As cidades escorraçavam-nos de seus muros; deixava-se que corresse pelos campos distantes... Esse costume era freqüente particularmente na Alemanha: em Nuremberg, durante a primeira metade do século XV, registrou-se a presença de 62 loucos, 31 dos quais foram escorraçados.

O barco com os insanos era escorraçado das cidades, expressão semelhante à usada pelo sentimento que os jovens da comunidade costumam ter quando tentam adentrar o mundo dos “cidadãos”: quando vão à busca de emprego, direitos políticos, de educação, e condições melhores de saúde, dentre outras reivindicações que garantem condições dignas de sobrevivência como a alimentação e segurança

Observamos que a forma como lidamos com o que foge ao normal não mudou em sua base; os loucos continuam *guardados* em instituições, as prostitutas nas esquinas, os ladrões nos presídios. Estes depositários e responsáveis pela proteção dos normais do risco da insanidade, da violência e do que fere os princípios morais e éticos continuam aprisionadas nas comunidades, pois segundo Vasconcelos (1983, p. 13) a noção de cidadania que garante “direitos políticos, sociais e civis de todos nós como pessoas humanas e o seu reconhecimento cada vez mais generalizado” não alcança as subjetividades não pertencentes, estar incluído na comunidade é estar excluído de princípios mínimos que garantem a vida .

Assim, apesar da comunidade do Coque ser geograficamente privilegiada, diferentemente de presídios ou casas de prostituição, seu status pouco diverge de um manicômio ou de um presídio, e as vozes permanecem no silêncio e a não-escuta torna surda a voz da comunidade, excluindo as possibilidades do ser humano.

### 1.2.3 A escuta Patologizante

A angústia que conduz o ser a racionalizar foi pressuposto inicial para psicologia seguir as bases epistemológicas da ciência positivista, o modelo clínico da metafísica era aceitável por conseguir suprir parte das exigências do método científico, método este que propunha à descoberta da verdade. Em contrapartida ao modelo científico vem à clínica fenomenológica tentando compreender o humano, considerando cada subjetividade como única, lançando um desafio de não dividir o humano em classificações para estudá-lo, modo pertinente ao método científico.

O modelo epistemológico das ciências clássicas conduziu a estagiária a **escuta da patologia**, na qual realizava uma investigação do comportamento dos jovens, etapa que na ciência se configura pela observação, então percebida como a avaliação da forma como eles se comunicavam: se deliravam, se alucinavam, se o afeto e a cognição estavam prejudicados ou não. Enfim, buscava-se defensivamente discutir os casos clínicos dos atendimentos, sem ao menos pensar no sofrimento. Tentava-se a todo custo enquadrá-los no CID 10 ou DSM. O segundo passo para não perder o foco no modelo científico,

previamente aprendido na academia, era a associação dos fenômenos com uma teoria pré-existente, buscavam-se fenômenos como: depressão, neurose, psicose, transtorno bipolar, esquizofrenia e tudo teria que ser classificado para ser melhor controlado, conduzindo a uma escuta da patologia e novamente uma redução do ser e das suas possibilidades.

#### **1.2.4 A escuta em crise**

Os modelos de escuta da estagiária não funcionavam, levando-a a experimentar um sentimento de incapacidade frente às inúmeras dificuldades. Muitos momentos foram marcados de forte angústia, tais como a tentativa de manter os jovens do grupo afastados do consumo de drogas e até mesmo de atividades como o tráfico. Estes momentos conduziram-na a um grande esforço de novamente procurar novas teorias que contemplassem aquele universo e o não conseguir ajudava a pensar nos limites e impossibilidades.

Houve um encontro do grupo em que emergiu o envolvimento de um dos participantes com traficantes de drogas. Após a escuta dos participantes, o facilitador se colocou de forma enérgica, perguntando se o jovem-participante gostaria de continuar no grupo, ele respondeu que sim, então o facilitador introduz um limite, um corte estruturador: a condição para permanência dele no grupo seria o afastamento da “turma das drogas”, sintetizou a fala dos membros do grupo, dizendo que o pertencer implica ganhos e perdas e de que a destruição pode ser escuta naquele espaço, mas que eles optaram pela vida.

Acontecimentos como este a levaram a entrar nessa embarcação na busca de compreender como era a dinâmica daquelas subjetividades, os passos que levavam alguns deles a se envolver por propostas atraentes, porém arriscadas, a forma de se relacionar com o mundo, e como eles são percebidos por esse mundo; questionamentos como estes conduziram-na a reflexões sobre: a violência, os modelos clássicos de intervenção social e a escuta voltada para um acolhimento de um sujeito integral que faz parte de um contexto amplo, que é o ser em relação ao seu mundo, o ser na comunidade. Rogers (1983, p. 5-6) consegue captar magistralmente a escuta deste ser numa perspectiva do acolhimento:

[...] Refleti profundamente sobre esta frase. Ele poderia estar simplesmente dizendo-me como todo mundo, que queria viver. Por outro lado, poderia estar me dizendo, e esta poderia estar me dizendo que em algum momento, a questão de viver ou não tivera nele uma grande ressonância.[...]. Queria simplesmente está aberto a quaisquer significados contidos nesta afirmação, inclusive a possibilidade de que tivesse pensado em suicídio em algum momento da sua vida. Minha vontade e capacidade de ouvi-lo em todos os níveis contribuíram, talvez para que ele, antes do final da entrevista, me contasse que há pouco tempo atrás estivera a ponto de estourar os miolos. Este pequeno episódio é o que quero dizer quando falo em ouvir alguém em todos os níveis em que ele esteja tentando se comunicar.

Escutar o outro consiste, vivenciar a relação como sujeito integral e próprio, entendendo-se propriedade como sendo o contato consigo mesmo, aquilo que é mais próprio do humano como a angústia e a finitude, sendo estes segundo Heidegger pré-requisitos para nos tornarmos humano e nos aproximamos de nossas próprias questões. Deduzo então ser inadequado definir o sujeito, tendo em vista que implica em diminuí-lo a uma única concepção ou a pré-concepções, deixando de contemplar a complexidade do ser histórico, social, cultural, biológico cujo ele habita. A prática clínica pautada na visão

fenomenológica aplicada ao contexto social da comunidade propõe perceber não só o sofrimento do indivíduo como o da rede onde ele está inserido.

A psicologia social a que nos propomos pesquisar busca fugir dos modelos que unificam e categorizam os sujeitos, não pesquisamos massas oprimidas, movimentos sociais ou jovens em situação de risco, tentamos descobrir novos sentidos para vida em comunidade.

Aceitar a verdade em sua pluralidade é um dos princípios do pensamento da fenomenologia existencial, sendo assim a clínica se constitui na compreensão da multiplicidade de verdades que compõe o *ser no mundo*, pensar o sujeito fora de categorias pré-definidas, mas inserido numa teia de relacionamentos e sentidos como expõe Góis (2005, p.10): “o indivíduo é uma realidade histórico-cultural que se encontra fortemente enraizado em um processo social que lhe é próprio, em um modo de vida social peculiar”.

No entanto se considerarmos que o indivíduo só é alguém inserido num contexto histórico-cultural, estaremos reduzindo-o enquanto categoria, os jovens da comunidade são definidos como *ameaças*, são percebidos como medo na esfera social, escondendo a riqueza de suas subjetividades. Contudo transferir a culpa para os jovens é a forma mais simples de manter nas sombras as inúmeras outras causas que envolvem a história de exclusão desses jovens expressa no trecho:

Los problemas sociales se convierten así en problemas de personas, y los problemas políticos en problemas de caracteres o personalidades. Se incurre en el personalismo a todos los niveles, tanto para el éxito como, sobre todo, para el fracaso [...] (MARTÍN-BARÓ, 1985, P.24).

Pensar os jovens da Comunidade do Coque inseridos em uma realidade de problemas políticos, fome, miséria e violência, comuns a eles, é compreender que parte do que os constitui como sujeitos é influenciado por uma seqüência de dores vindas desde seus primórdios.

Partindo de tais considerações surge à transformação de uma escuta focada no individual, que desconsidera o contexto histórico-social no qual os jovens estão inseridos, para uma escuta da voz do todo, discurso silencioso que vem do individual ou em grupo e reverbera em sentimentos de exclusão. Buber (2001, p. 45) afirma que: “[...] reconhecer o outro na sua diferença é reconhecê-lo como outro diferente de mim e, com isso, sair de um relacionamento EU-ISSO e entrar numa relação EU-TU”. Para ele, escutar implica em aproximar-se desse outro e se permitir fazer parte de uma relação EU-TU.

A escuta compreensiva aproxima o terapeuta da realidade barulhenta que constitui uma comunidade, e se não fosse assim, o sentido desta seria diferente, pois existem realidades que parecem dramáticas se apenas observarmos, pois para Buber (1983, p.87): “[...] o homem que vive diante dos nossos olhos de nada a mais, este homem é para eles um objeto separado deles próprios e das suas vidas pessoais [...]. Se aproximar é ser atingido por novas expressões das vozes de sofrimento trazidas por jovens excluídos da cultura dominante, expostos a violência e a miséria, é se abrir para um *ethos*, lugar dado a escuta. Na esteira desta visão, Rogers (1983, p.6) indica que escutar neste lugar “[...] traz conseqüências. Quando efetivamente ouço uma pessoa e os significados que lhe são importantes naquele momento, estou ouvindo não suas palavras mais ela mesma [...]”. Assim, a escuta torna-se testemunha e presença do ser.

### 3. A escuta: Testemunha e presença do ser

Iniciaremos esta parte do texto com uma fala do diário de campo da estagiária que a desloca de observadora para testemunha e presença do ser pesquisador participante na comunidade.

Cheguei ao NEIMFA pela manhã, tudo estava em silêncio e pela primeira vez as portas estavam fechadas. Olhei para o lado e vi vários carros de polícia passando. Enquanto pegava o meu telefone para ligar, os policiais começaram a parar as viaturas e armados correram em minha direção. Entrei rapidamente na portinha que faz fronteira com a rua e ela continuava fechada, uma sensação de pânico tomou conta de mim. Por instantes senti que me aproximava da morte (finitude). Vi os policiais passarem por mim e irem em direção ao final da rua. Quando poucos minutos depois Aurino abriu a porta calmamente, escutamos um tiro que parecia ser para cima, fomos trabalhar.

O trabalho em comunidade implica em desafios, entrar pela primeira vez é não ouvir os apelos de violência gritando na mídia. O terapeuta precisa aprender a lidar com a complexidade do humano e com relações sociais nas quais o diálogo não toca mais, como a relação da polícia com os moradores. Inicialmente a estagiária acreditava que poderia ser assaltada, ou seqüestrada no Coque e surpreende-se novamente, a polícia que dentro de Boa Viagem, das Graças e outros bairros de classe média e alta causavam conforto e tranquilidade, por ser órgão responsável pela segurança da sociedade, na comunidade a assusta, causa pânico e em alguns momentos age com muita violência, desrespeitando os moradores. Os alunos-estagiários passam e muitas vezes não conseguem testemunhar o que se manifesta para além da violência, não testemunham e nem vivenciam a complexidade dos fenômenos presentes no contato com o ser. E este momento de contato assim expresso no diário da estagiária:

Fui e sou testemunha de manifestações destas relações seguindo o princípio descrito por Heidegger: “O testemunho deve dar a compreender um poder ser-si-mesmo, em sentido próprio. Com a expressão si mesmo chegamos a responder à questão do quem da *pre-sença*.” (Heidegger, 1990, p.52) Presenciei e me aproximei de mim mesma experienciando as relações com um todo.

Os jovens testemunham um cenário de incertezas relativas ao futuro o que constitui uma fuga do que Heidegger definia como ser da *presença*, ser voltado para vivência que capta o conteúdo manifestado através dos fenômenos, como a saudade, sentimento daqueles que vêm pessoas passarem e expressam no discurso do trabalho em grupo. Heidegger acreditava que a vivência do futuro é estar presente, fazendo parte de um movimento de *vir a ser*. O ser que se manifesta no presente é uma soma de experiências do passado e desejos relacionados ao futuro, em contrapartida fatores como a violência e a exclusão social impossibilitam a manifestação deste ser no futuro, cujas expectativas são frustradas e mantêm-se nas sombras de um tempo de vida que dura em média trinta anos.

A escuta dos jovens da periferia causa um encontro do *ser com o outro*, definido por Critelli (1996, p.65) como a “[...] possibilidade da construção de uma existência própria e autêntica, aquela na qual o eu pode recuperar-se de sua impessoalidade, de sua dissolução nos outros, nos modos consagrados de se ser”. Enquanto dissolvê-lo é classificá-lo e limitá-lo com expressões como “adolescente em situação de risco”, comumente usadas em referências aos jovens moradores. Acompanhar o ritmo dessa música é perder a possibilidade de entrar em contato com o que há de mais autêntico que é o outro, assimilar

com clareza suas dificuldades, suas formas de expressar, sua dor. *Ser com o outro* implica abrir-se para perceber e se relacionar com os outros como seres próprios e autênticos.

A importância de disponibilizar os ouvidos como um ato de abertura para receber e acolher o outro, sem julgamentos, fugindo da impessoalidade, afasta os sujeitos do lugar da normatização, característica ordinária da sociedade contemporânea. É conseguir encontrar esse *ser-si-mesmo* que se manifesta na vivência. Heidegger (1990, p.52) acredita que: “Essa recepção, no entanto, só existencialmente possível por que a *pre-sença*, enquanto *ser-com* de uma compreensão, pode ouvir os outros.”

Posicionando a escuta como um dispositivo para aproximar-se de si, percebemos a importância desse cuidar de si e cuidar do outro. Neste sentido, Lima, (2002, p.6-9) destaca que:

Tratar a escuta a partir do cuidado e do saber de si – escutar como um cuidar: entre o cuidado e o saber de si – advêm de nossa aproximação com as perspectivas filosóficas de Heidegger e Foucault. [...] A escuta neste contexto, encontra-se imersa num cenário plural, como na contemporaneidade, começa a se configurar como um ponto importante na colcha de retalhos de práticas que constituem o atual campo do saber psicológico e não psicológico. A atitude de poder parar e escutar a um outro parece se caracterizar sobretudo na possibilidade de propiciar a emergência de encontros-desencontros de sentidos.

Testemunhar no sentido heideggeriano é encontro, de maneira que a escuta como testemunha se constitui num dispositivo de cuidado, ponto de encontro do ser, ou seja de transformação de si e do outro pelo ação do ouvir com atenção.

#### 4. Considerações finais

Refletir sobre os caminhos da escuta de jovens moradores do Coque oportunizou-nos a possibilidade de repensarmos as múltiplas escutas possíveis e desejáveis no espaço comunitário. Quer seja pela não-escuta ou pela patologização da pobreza, a psicologia tem se inserido no meio comunitário, contudo permanece o questionamento: a quem serve esta escuta? Estaremos formando escutas possibilitadoras de mudanças ou apenas reificadoras das identidades dominantes.

A escuta como testemunha e presença do ser retoma as contribuições da fenomenologia, repondo o ser no mundo vivido e apontando a problematização das escutas dominantes como condição fundante de diálogo entre a psicologia e seu trabalho com as comunidades excluídas. Ajudar os jovens terapeutas a repensar suas formas de escutar as realidades atendidas parece-nos um desafio ainda em construção. Todavia, a aprendizagem da escuta como uma forma de intervenção capaz de criar um dispositivo transformador de si e do outro se apresenta como uma possibilidade.

Acolher jovens da comunidade através da escuta, faz com que situemos a escuta no lugar de dispositivo significativo e eficaz no que se refere ao “ser-escutado”<sup>7</sup>, principalmente quando se observa que os ouvidos estão “tampados” ou são de fato “não surdos” ao outro. Expandir a procura de novos sons harmônicos, que venham a fazer parte da musicalidade de uma Comunidade, como a do Coque, é *ressignificar*, é refazer as partituras e a partir dessa nova partitura dar nascimento a uma nova música, sendo a escuta

---

<sup>7</sup> Ser – Referente a ser humano e ao mesmo tempo remete o verbo ser.

clínica o dispositivo que trabalha pelo direito a música da vida, manifesta no ser e no pertencer.

Dessa perspectiva, a reflexão sobre a aprendizagem da escuta do sujeito não deve ser apenas *sobre* a experiência, mas ela própria *é* uma forma de experiência – e a forma reflexiva de experiência pode ser desempenhada com atenção/consciência. Quando a reflexão/ação da escuta é feita dessa forma, ela pode interromper a cadeia de padrões de pensamentos habituais e pré-concepções, de forma a ser uma reflexão aberta – aberta a possibilidades diferentes daquelas contidas nas representações comuns que uma pessoa tem do espaço da vida. A asserção básica desse tipo de abordagem psicológica comunitária da experiência humana é que a relação ou modalidade de escuta não é simplesmente fixada e dada, mas pode ser fundamentalmente alterada.

### Referência Bibliográfica

- ADVÍNCULA, Iaraci Fernandes. **Experiências desalojadoras do eu e escuta clínica**. Recife: o autor, 2001.
- AUBRY, Jenny...et al. **Seguindo os passos de Françoise Dolto**. Trad. SIDOU, Beatriz Campinas : Papirus, 1989.
- BUBER, Martin. **Sobre Comunidade**. Trad. DASCAL, Marcelo e ZIMMERMANN, Oscar. Perspectiva: São Paulo, 1987.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Trad. AQUILES, Newton. São Paulo: Centauro, 2001.
- CECCONELLO, Alessandra Marques and KOLLER, Sílvia Helena. **Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco**. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2003, v. 16, n. 3. Disponível em: <http://www.scielo.com>
- CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.
- CROCHIK, José Leon. **Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia**. *Psicol. USP* [online]. 1998, v. 9, n. 2, pp. 69-85. ISSN 0103-6564.
- DE ANTONI, Clarissa and KOLLER, Sílvia Helena. **A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar**. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2000, v. 5, n. 2, pp. 347-381. ISSN 1413-294X.
- FERREIRA, A. L. **Do entre-deux de Merleau-Ponty à atenção consciente do budismo e da abordagem transpessoal** : análise de uma experiência de formação integral. Recife, PE, 449p. Tese (Doutorado em Educação), Pós-graduação em Educação da UFPE, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FREITAS, Alexandre Simão. **Violência, Juventude e Aprendizagem de si: O Ponto Cego das Políticas Públicas**. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2007. Disponível em: <http://www.ufpe.br>
- FREUD, Sigmund. **OS PENSADORES**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Psicologia comunitária: atividade e consciência**. Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais: Fortaleza, 2005.
- GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Vozes: Petrópolis, 1986.
- HEIDEGGER, Martin. **SER E TEMPO**. Trad. CAVALCANTE, Márcia de Sá. Vozes:

- Petrópolis, 1990.
- HEIDEGGER, Martin. **Os Conceitos Fundamentais da Metafísica: mundo, finitude e solidão**; Trad. CASANOVA, Marco Anttônio. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. **INTRODUÇÃO À FILOSOFIA**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- JAPIASSU, Hilton. **Introdução à Epistemologia da Psicologia**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- LIMA, Darlindo Ferreira de. **Compreendendo o sentido da escuta**. Recife: O autor, 2002
- MARTÍN-BARÓ. **Psicología de la liberación**. 1ª ed. Madrid: Editorial Trotta, 1998
- REICHENHEIM, Michael E.; HASSELMANN, Maria Helena and MORAES, Claudia Leite. **Conseqüências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para a elaboração de propostas de ação**. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 1999, v. 4, n. 1, pp. 109-121. ISSN 1413-8123.
- ROGERS, Carl R. **UM JEITO DE SER**. EPU: São Paulo. 1983.
- VASCONCELOS, Eduardo M. **O que é psicologia comunitária**. São Paulo: Brasiliense. 1985.